

Parte I

O ser humano e a vivência da sexualidade na cultura contemporânea

Introdução da Parte I

O ser humano, num processo contínuo e misterioso, através de uma longa caminhada evolutiva, desenvolve-se passando por grandes momentos históricos e culturais. As épocas movimentam-se de maneira irregular, dando formas diversificadas ao modo de pensar e viver dos homens nas diversas situações e tempos distintos. Cada Era foi marcada por determinadas características. Muitos seres vivos foram sobrevivendo na medida em que conseguiram resistir às mudanças climáticas, geológicas etc. Os seres humanos não escaparam desse processo de sobrevivência e, desde o tempo mais remoto, têm conseguido desenvolver-se através da invejável característica da racionalidade. A natureza complexa da mente humana e de toda capacidade de pensar de forma distinta dos outros animais concedeu-lhe vitórias decisivas, apesar da sua frágil e vulnerável condição humana.

Já que o ser humano não possuía caracteres próprios de outros animais, desenvolveu com sua racionalidade a capacidade para inventar a técnica, o progresso e modificar o espaço geográfico, criando tradição e cultura.

A cultura, entendida como o conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos e costumes que distinguem um grupo social, circunscreveu e continua circunscrevendo novas formas de vida e comportamento, através do ser humano, realizando em cada etapa evolutiva tradições, valores intelectuais, morais e espirituais.⁵ É importante saber que o comportamento humano é influenciado pelo meio cultural podendo modificá-lo.

⁵ FRANÇA MIRANDA, M. *Inculturação da Fé*. Uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001, p. 47, citando AZEVEDO, M. In: *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da fé*. São Paulo, 1986, p. 336. Segundo Azevedo a cultura pode ser entendida como: “O conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis da vida de um grupo social concreto, conjunto que consciente ou inconscientemente, é vivido e assumido pelo grupo como expressão própria de sua realidade humana e passa de geração em geração, conservado assim como foi recebidos ou transformado efetiva e pretensamente pelo próprio grupo.”

A primeira parte desta pesquisa, contextualiza o ser humano e a vivência de sua dimensão sexual a partir da realidade cultural contemporânea, apontando para alguns elementos que têm produzido mudanças significativas em seus costumes e comportamento sexual e será desdobrada em dois capítulos.

O primeiro capítulo, destacará algumas características do ser humano contemporâneo a partir de uma perspectiva sociocultural. Esta reflexão inicial é de fundamental importância para o desenvolvimento do tema relacionado à compreensão e à vivência da dimensão afetivo-sexual pela pessoa.

O segundo capítulo continua apresentando as principais características de como se manifesta a vivência da sexualidade objetivamente na sociedade contemporânea.

Convém lembrar que o estudo se desenvolve a partir de um contexto de sociedade não acabado, denominado por alguns historiadores e sociólogos de “pós-modernidade”. Esse momento específico da civilização, para alguns sociólogos, se apresenta com algumas características muito peculiares.⁶ Por outro lado, apresenta também sinais, mesmo que tênues, de esperança com importantes conquistas tecnológicas e científicas entre outras, pois toda crise é capaz de produzir novos elementos de construção a favor da humanidade. Este tempo, com suas crises profundas, vem se expressando como uma “nova sensibilidade”.⁷

A sociedade pós-moderna é uma etapa histórico cultural difícil de ser definida podendo ser entendida como uma reescritura da sociedade e da cultura modernas, incluindo as instituições religiosas. Problemas culturais e sociais

⁶ Cf. JUNGES, J. R. *Evento Cristo e ação humana*. Temas fundamentais de ética teológica. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001, p. 18-19, conforme o autor é um período marcado pelo surgimento de uma urbanização caótica e desumanizante; uma industrialização voltada excessivamente para o consumismo, geradora de desemprego e de contínuas formas de exclusão; técnicas desastrosas a serviço da guerra e da violência; a destruição do meio ambiente; a apatia política; uma cultura de morte entre muitos outros sinais preocupantes.

⁷ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2001, p. 45s, de acordo com esse autor os sinais de uma “nova sensibilidade”, vem acompanhado por uma grande desconfiança em relação aos compromissos sociais e políticos, em função da descrença em relação à razão humana unida ao pessimismo sobre as possibilidades do ser humano na sociedade; uma busca cada vez mais acentuada por satisfações imediatas, utilitarismo, pragmatismo e consumismo. “O novo evangelho, a bem-aventurança do consumo passa a reger a vida da pessoa”; uma atitude de indiferença diante da exclusão de milhares de seres humanos, vitimizados pelo sistema neoliberal. Um subjetivismo extremamente individualista; e unido a isso não se estranha o aumento assombroso de angústia, depressão, falta de sentido de vida, desamparo e uma soma de doenças psicossomáticas nos indivíduos.

emergem nesse novo tempo.⁸ São mudanças drásticas, atingindo todos os setores sociais e influenciando diretamente, sem o menor escrúpulo ético, o ser humano e por consequência sua maneira de expressar-se afetiva e sexualmente.

Assim a pesquisa busca entender, inicialmente, o comportamento do ser humano pós-moderno, em relação à compreensão que o mesmo possui de sua dimensão afetivo-sexual. Objetiva apresentar em seu resultado uma metodologia para a formação continuada na pastoral, proporcionando à pessoa uma compreensão mais profunda de sua sexualidade para que consiga vivenciá-la de maneira mais humanizada.

⁸ Cf. PORTELLA AMADO, J. Mudança de época e conversão pessoal: Uma leitura das conclusões de Aparecida. **Revista Atualidade Teológica**. PUC/RJ, ano XII, n. 30, set./dez. 2008, p. 303-306.

Principais características do ser humano na sociedade pós-moderna

Introdução

Este primeiro capítulo, apresenta características do perfil sociocultural do homem e da mulher influenciados por evidências marcantes na sociedade contemporânea. Recorda que em relação à vida intra-elesial, realidade priorizada na pesquisa, apesar da renovação proposta pelo Concílio Vaticano II e das transformações socioculturais e político-econômicas que vem se processando desde a modernidade, as marcas de uma sociedade pré-moderna permanecem no pensamento e no comportamento de muitas pessoas.

No âmbito da moral sexual, na sociedade pré-moderna, os ensinamentos realizados pela Igreja, eram reforçados por temores provenientes de um “moralismo” extremo, supervalorizando o pecado em detrimento da experiência de amor e de liberdade. Os relacionamentos interpessoais estavam impregnados de atitudes de dominação e violência, oriundos da cultura e instituições do patriarcalismo.⁹ Daí resultou fatores negativos como o androcentrismo e o machismo que consideravam a mulher como servidora do homem e “simples” progenitora, concentrando a família em volta da figura paterna que, por sua vez, decidia a vida de todos. As proibições e os velamentos dos aspectos da dimensão afetiva e sexual eram incisivos e não havia espaços para debates sobre essas questões humanas fundamentais. Ainda hoje defrontamo-nos com posturas e orientações patriarcais.

A partir do século XVI, com o advento do cartesianismo, a visão que se impôs acerca do ser humano mostrou-se dinâmica, histórica e evolutiva. Com olhar analítico e mecanicista o ser humano passou a ser percebido como uma máquina complexa; a perspectiva teocêntrica deu lugar ao antropocentrismo; o processo de dessacralização e secularização se instaurou; despontava a crise de autoridade.¹⁰ Na modernidade, apesar de todos os avanços do tempo, alguns aspectos humanos foram mal compreendidos, entre eles a afetividade, considerada

⁹ Cf. CASTELLS, M. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. O Poder da Identidade*. V. 2, 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 169.

¹⁰ Cf. FRANÇA MIRANDA, M. *Igreja e Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 72-77.

como um sinal de fraqueza, especialmente quando a dimensão de carência se apresentava na vida das pessoas.

A fragilidade foi assumida como sinônimo de vulnerabilidade entrando em choque com a certeza produzida pela razão através de mecanismos repressores das emoções e dos sentimentos das pessoas. Desarticulou a relação entre o feminino e o masculino no interior de cada ser humano, não se conseguindo conciliar a convivência entre essas duas dimensões pessoais, refletindo no relacionamento entre homem e mulher, com sérias consequências para a práxis pastoral.

Esses parágrafos introdutórios são importantes para o desenvolvimento do tema proposto neste capítulo que tem como objetivo abordar algumas das principais características que revelam o homem e a mulher da contemporaneidade. Para melhor entendimento sobre o momento cultural e social atual, é necessário olhar o passado, uma vez que a história é processual, acontece numa dinâmica de continuidade, e o ser humano vive e se expressa a partir da contextualização histórica em que está inserido.

O capítulo será dividido com os seguintes itens: o perfil sociocultural do homem e da mulher contemporâneos através de algumas características marcantes como o individualismo, o consumismo e o neonarcisismo que exercem importantes interferências sobre a vivência da dimensão afetivo-sexual pela pessoa; as novas configurações familiares e o contexto desafiante da globalização.

1.1.

Perfil sociocultural do homem e da mulher contemporâneos

O paradigma da ciência moderna perdura até hoje. Não se nega o valor e a importância da racionalidade e da tecnologia mas é necessário admitir que a ciência, do alto de sua autoridade, não consegue responder às questões mais fontais referentes aos problemas ou dramas humanos que se instalam.

Diante de muitas interpelações e descontentamentos em que a sociedade atual se encontra, novas respostas se fazem necessárias, pois são outras as perguntas que não se satisfazem com as soluções apresentadas pelo paradigma anterior da modernidade. Por exemplo no campo da moral, da ética sexual, o modelo tradicional não consegue corresponder aos novos desafios postos pelas mudanças aceleradas que trazem polêmicas sobretudo no que diz respeito às relações humanas. Nesse sentido a modernidade com “os seus pressupostos

correspondem a um modo de pensar superado e incompreensível aos contemporâneos.”¹¹

Na contemporaneidade manifesta-se um ser humano mais investigador de suas possibilidades, mais humilde no que se refere aos rigores exigidos pelas certezas racionais e que se organiza interior e exteriormente de maneira nova.

O sujeito da pós-modernidade, tocado pelos efeitos produzidos pelo tempo histórico, vê o mundo de maneira diferente, deseja ser ele mesmo, procura construir sua própria identidade de maneira autônoma; valoriza suas experiências pessoais, questiona os valores correntes e opõe-se à submissão não refletida.¹²

Reticente e cética em relação aos projetos históricos, aos padrões éticos e a outros valores sociais, a pessoa procura ter a iniciativa de novas construções sociais ainda que não disponha de elementos suficientes para isso. Ela começa a mostrar-se como “um tipo de pessoa fortemente marcada pela valorização e vivência psíquica da autonomia individual.”¹³ Encontra-se num “novo modo de sentir e experimentar a vida, sem memória, sem continuidade histórica, sem futuro.”¹⁴ Há certa preferência pelo efêmero, pelo fragmentário, pelo descontínuo e pelo caótico.¹⁵ A verdade é vista sob uma ótica conjuntural; é algo relativo, contingente, submetida a uma sensibilidade antidialógica.

O ser humano pós-moderno está sem modelos, sem chão firme, sem referenciais para investir em seus sonhos e construir seus projetos. Torna-se vulnerável diante dos encantos e da sedução das ofertas que lhes são apresentadas no contexto pluricultural em que está situado, apoiando-se na aprovação da sociedade a partir de uma mentalidade utilitarista e consumista que privilegia muito mais o bem estar econômico.

Como característica marcante da pós-modernidade, está um sujeito individualista e narcisista, revelando-se solipsista e hedonista, perdendo sua identidade e autosuficiência. O viver para o próprio “eu” é muito evidente,

¹¹ JUNGES, J. R. *Evento Cristo*, op. cit., p. 29.

¹² Cf. JORDÃO, S. M. *Pode o “novo crente” vivenciar uma autêntica conversão cristã?* Reflexões sobre mobilidade religiosa e desafios para a evangelização. 2008. 189 f. Dissertação de Mestrado, Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 32-36.

¹³ MARDONES, J. M. *Postmodernidad y Cristianismo*. El desafío del fragmento. 2. ed. Colección Presencia Teológica 50. Santander: Editorial Sal Terrae, 1988, p. 29.

¹⁴ GASTALDI, I. *Educar e evangelizar na pós-modernidade*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1994, p. 23, cita VATTIMO, G., *Postmodernidad: una sociedad transparente*, em vários debates sobre Modernidad y Postmodernidad, Nariz del Diablo, Quito, 1991, p. 147-157.

¹⁵ Cf. MARDONES, J. M. *Postmodernidad y Cristianismo*, op. cit., p. 24.

distanciando-o de uma possível e indispensável alteridade; fazendo ressurgir um novo Narciso.

Além disso, as estruturas antropológicas do homem e da mulher atuais, parecem desvitalizadas em função dos fortes sentimentos de profundo vazio interior. As angústias crescem diante da sensação de incapacidade, da perda de vontade de construir projetos e dos velamentos em relação à possibilidade de re-criação dos fatos. É um ser humano destituído de projetos de vida ou quem sabe de lucidez de seu próprio sentido de vida. As perspectivas de futuro e os projetos parecem não lhe interessar; o momento é fugaz; é o fim da história com seu esvaziamento, resultando na indiferença em relação aos valores e as instituições. O discurso da construção de um “futuro” não lhe desperta interesse. A história sofre descontinuidade e perde suas raízes do passado. Além do vazio interior, surge, um real vazio ético.¹⁶

Há também um acentuado enfraquecimento da consciência autônoma diante do fortalecimento das paixões (desejo e prazer) desconectadas com a realidade da socialização. Resulta uma pessoa com uma visão do mundo descentrada, dessacralizada e pluralista. Sobressai uma tendência ao relativismo e começa-se a questionar a possibilidade de um fundamento, de uma verdade, numa sociedade com valores diversificados. É uma racionalidade cada vez mais fragmentada e distante da unidade. Embora pareça ser um homem e uma mulher muito zelosos de suas autonomias individuais, mostram-se marcados por atitudes hiper-individualistas e narcisistas, tendendo ao isolamento da coletividade.¹⁷

O narcisismo, que será mais amplamente apresentado neste capítulo, leva a pessoa ao desejo de experimentar múltiplas sensações, estímulos e informações podendo conduzi-la a um emaranhado plural de fragmentos, muitas vezes contraditórios. De um lado, os indivíduos, exageradamente, cuidam do corpo, entregando-se aos cuidados excessivos de higiene e saúde, buscando a longevidade a todo custo; mas, por outro lado, crescem os estados neurotizantes e patológicos individuais. Contraditoriamente as altas tecnologias, as possibilidades

¹⁶ Cf. JUNGES, J. R. *Evento Cristo*, op. cit., p. 17 e VALADIER, P. *Moral em desordem*. Um discurso em defesa do ser humano. São Paulo: Loyola, 2003, p. 46. Paul Valadier rejeita a idéia de “vazio ético” e afirma que o desaparecimento ou o enfraquecimento de alguns valores ético-morais não acontecem sem que novos valores surjam. Reforça este filósofo que nenhuma sociedade deveria defender a idéia de um “vazio ético”, pois, outros sistemas, às vezes até com grande peso ameaçador, tomam o lugar do que parece esvaziado de sentido.

¹⁷ Cf. MARDONES, J. M. *Postmodernidad y Cristianismo*, op. cit., p. 31-32.

facilitadas pelo progresso e pela inteligência humana não correspondem com o aumento absurdo das doenças, da violência, da fome, da miséria, da exclusão social e da alienação nas suas diversas expressões especialmente no contexto dos relacionamentos interpessoais.

A sociedade perpassada por uma cultura hedonista e psicologista que incita à satisfação imediata das necessidades, estimula o atendimento urgente dos prazeres, impondo o imaginário do paraíso, do bem-estar e do conforto como prioridade. Um reducionismo contínuo é observado nos diversos âmbitos humanos. Consumir solitariamente, perder-se nos desejos irrefletidos e buscar novas “sensações”, divertir-se irresponsavelmente, rejeitar as renúncias necessárias, centrar-se ingenuamente num egoísmo feroz desculpando-se por tudo, tem sido formas de comportamento facilmente encontrado nos tempos atuais.

Com essas atitudes desponta um perigoso processo de “anestesiamento” da consciência humana acompanhada pela indiferença em relação a tudo o que está extrínseco à pessoa. É uma mentalidade utilitarista que atinge seriamente a vida afetiva e sexual, regendo a pessoa exclusivamente para o seu próprio bem-estar. Deste modo, a vida do ser humano gira em torno dele mesmo, sob o domínio do imperativo individualista, não aderindo a uma fonte global de sentido; apresentando-se como alguém sem convicções, frágil e instável. Atitudes egocêntricas que acarretam distorções e prejuízos para si e para os outros, transformando os afetos e a sexualidade em possíveis mecanismos de manipulação.

Partindo do domínio do imperativo individualista, o isolamento é outra possibilidade, colocando a pessoa à parte de toda e qualquer aliança e compromisso, modificando as suas relações com os outros. Dá-se uma espécie de “diluição” da alteridade, onde o outro deixa de ser outro e passa a ser o próprio “eu”. Este indivíduo sozinho e isolado nas suas relações interpessoais deixa-se seduzir pelos perversos frutos do antropocentrismo moderno, a saber: o racismo, o etnocentrismo, o machismo, o sexismo e outras formas de discriminação sexual.

Na verdade, este ser humano apresenta uma imensa dificuldade em afirmar sua identidade, pois está marcado por uma profunda insegurança e instabilidade não conseguindo estabelecer os vínculos necessários em seus relacionamentos. Expõe-se pela vulnerabilidade, aos influxos da mídia, comportando-se sem refletir de maneira mimética deixando-se levar pelo que acredita ser o senso comum e ser

o melhor. Assim “mergulhado” e perdido num contexto cultural fragmentado, sob a égide do individualismo, emancipa-se cada vez mais das balizas ético-disciplinares e institucionais.

Mesmo com toda a complexidade preocupante do contexto pós-moderno instalado os resultados não devem ser recebidos apenas de maneira negativa e ameaçadora. Em todo processo de crise as possibilidades de restauração e criatividade estão presentes e a história humana-social confirma isso. Existem muitas formas de realização para o ser humano em todos os segmentos, inclusive o político e o econômico e, porque apesar de tudo, o homem e a mulher “pós-modernos” revelam-se pessoas abertas às novidades do tempo histórico.¹⁸

Dentre alguns aspectos positivos ressalta-se a valorização da dimensão simbólico-afetiva ameaçada pelo racionalismo instrumental; o movimento de emancipação da mulher; a mentalidade mais crítica em relação a hegemonia da ciência moderna; a diminuição da “arrogância” intelectual do racionalismo imperativo; as perspectivas de abertura para a multidisciplinaridade ou transdisciplinaridade, principalmente no campo da pesquisa; uma visão do ser humano mais integrada que, aos poucos, substitui a concepção mecanicista e o “retorno do sagrado” revitalizando a experiência e a prática religiosas.

O próximo subitem apresenta a característica do individualismo de maneira mais aprofundada. É importante voltar ao assunto de forma mais enfática, pois o mesmo repercute diretamente na compreensão e no comportamento afetivo-sexual das pessoas.

1.1.1. O Individualismo

Na sociedade tradicional ou pré-moderna, a pessoa tinha um lugar definido no conjunto social. Atualmente, a referência inicial e final passou a ser o próprio indivíduo. As pessoas, outrora pertencentes a uma realidade religiosa predeterminada, herdada sociológica e culturalmente, passaram para uma situação de pluralidade com a possibilidade de escolher livremente diante da diversidade que se apresenta.

¹⁸ Cf. JUNGES, J. R. *Evento Cristo*, op. cit., p. 25, faz referência a Gilles Lipovetsky, sociólogo que faz uma leitura da pós-modernidade de maneira bastante otimista.

No aspecto econômico, a partir da década de 1980, as mudanças se aceleraram. “O Capitalismo (...) baseado na indústria de produção de massa e no consumo (...), que imperou na maior parte do século XX, colapsou, dando lugar ao surgimento de um novo regime de acumulação”¹⁹ chancelado como neoliberal provocou enormes reformas na economia global, produzindo consequências diretas sobre a dinâmica relacional das pessoas.

O individualismo, reforçado no indivíduo, pelo fascínio do novo, sobretudo a partir dos modelos oferecidos pela indústria neoliberal, através da moda, pouco a pouco faz com que as pessoas abandonem as tradições, particularmente a religiosa. O individualismo inseparável do consumismo abre novas fronteiras, com muitas possibilidades disponíveis para serem escolhidas pelo homem e pela mulher pós-modernos, levando-os a defender seus direitos de liberdade, liberdade esta muitas vezes sem limites e egocêntricas fazendo-os crescer na percepção de suas individualidades. Enquanto a individualidade é caminho para emancipação, deve ser valorizada, mas se este processo for mal vivenciado, acaba produzindo comportamentos hedonistas e desumanos.

Cabe ao indivíduo procurar o seu lugar na sociedade e o seu papel de captador escolhendo e decidindo diante da variedade de possibilidades e saberes. Embora a pessoa encontre condições para fazer a experiência de “liberdade”, de ser sujeito de si e da história, é também frágil e limitada. Escolhas errôneas ameaçam a consciência de sua identidade e o seu sentido de vida. Nesse contexto a pessoa terá dificuldades para compreender e enxergar o mundo múltiplo e fragmentado. Esta realidade torna-se tanto mais preocupante na medida em que o individualismo se relaciona com o isolamento e o indiferentismo em relação ao outro, ferindo ou negando o princípio da alteridade.

É necessário compreender que a contemporaneidade revela-se paradoxal. No individualismo assume-se responsabilidades ou não, autocontrola-se ou “deixa-se levar”. É um tempo histórico onde os freios institucionais, que se opunham à emancipação individual, desapareceram, dando mais espaço para os desejos subjetivos em nome da auto-realização e do amor próprio.²⁰

¹⁹ CARNEIRO DE ANDRADE, P. F. *O Cristianismo diante dos Desafios da Globalização da Economia e da Cultura Contemporânea*. Apostila, não paginada, 2011.

²⁰ Cf. LIPOVETSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004, p. 21-22; V CELAM, DA, op. cit., n. 46-47, p. 33.

Hoje, até as doenças são individuais. As preocupações são privadas, e os meios para resolvê-las também. Os livros de auto-ajuda espalham sutilmente a idéia do individual e lideram as vendas. Há uma mentalidade que preconiza: “não devo me envolver com os problemas dos outros” e nem “com a vida que não me pertence”. A concepção de felicidade que impera está no pensar em si mesmo e para isso é necessário o distanciamento do compromisso com o outro e da cumplicidade natural que se constrói nos relacionamentos interpessoais. As pessoas se entrincheiram em seu próprio mundo de desejos e necessidades, com uma excessiva psicologização e desculpabilização.

G. Lipovetsky apresenta o individualismo sob dois prismas: o *individualismo irresponsável*, levando o homem a um fechamento perigoso, quando o mesmo acredita que é “cada um por si”, negando a partilha, incentivando o culto ao sucesso pessoal através de qualquer meio ou preço. O individualismo irresponsável equivale ao niilismo, toma à direção do “primeiro eu” e, como consequência, dissolve a força dos fundamentos éticos já estabelecidos, com o risco de ultrapassar algumas barreiras morais, configurando-se em relativismo e banalização diante dos resultados.²¹

O outro prisma é o *individualismo responsável*, quando há uma preocupação de fundo ético, e como exemplo a tolerância, a consciência ecológica, o respeito pelo outro etc. Importa a exigência de um posicionamento ético inteligente e responsável, que leve em consideração as consequências reais das escolhas feitas pela pessoa, prevalecendo o compromisso diante do outro e da justiça social.²² É necessário valorizar esse processo de responsabilidade ética, que tem o seu lugar e importância na sociedade.

Na medida em que o individualismo responsável chega ao máximo de seu ideal ético, minimiza-se as iniciativas de irresponsabilidade diante das grandes e graves questões humano-sociais. O ser humano está sempre colocado entre os limiares das ações humanitárias e os frequentes massacres humanos; por isso é necessário fazer sobressair nas ações humanas, em todos os setores e níveis sociais, uma ética inteligente, capaz de transformar além da realidade individual.

²¹ Cf. LIPOVETSKY, G. *Metamorfoses da Cultura liberal*, op. cit., p. 37-39 e cf. GARCÍA RUBIO, A. Sou feliz sozinho? A importância do outro na minha vida. In: GARCÍA RUBIO, A.; PORTELLA AMADO, J. (Orgs.). *Espiritualidade Cristã em Tempos de Mudança*. Contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 75-78.

²² Cf. LIPOVETSKY, G. *Metamorfoses da Cultura liberal*, op. cit., p. 37-39.

Para a concepção cristã, mesmo que esta visão de responsabilidade defendida por G. Lipovestky seja boa e aponte para uma nova “ordem” social, ainda é insuficiente. Jesus Cristo “abre um novo horizonte de sentido, que faz com que o sujeito se compreenda de um modo novo e, conseqüentemente, possa agir de um modo novo.”²³

O individualismo está associado, numa dialética permissiva, ao consumismo. O próximo subitem aborda o tema do consumismo, fenômeno social em evidência na sociedade contemporânea que tem “conduzido” a vida de um imenso contingente de pessoas de forma avassaladora, tornando-as “presas” fáceis do sistema neoliberal, ao invés de ser administrado com coerência e inteligência.

1.1.2. O Consumismo

O consumismo como o individualismo incide, fortemente sobre os sentidos, o pensamento e o coração das pessoas, interferindo nos interrelacionamentos e no comportamento sexual.

Esta época, considerada como um tempo de perdas de tradições, de desligamento ou ruptura das raízes históricas por parte das pessoas, faz com que as mesmas inclinem-se desordenadamente para as novidades geradoras de sensações ainda não exploradas. O culto ao corpo, a centralização do pensamento e das experiências no âmbito da prática sexual, aspectos muito valorizados na atualidade, podem ser utilizados como exemplos de desligamento do indivíduo dos valores apreendidos em família, através das tradições que pertencem.²⁴

Vê-se um ser humano seduzido pelo consumo. O desejo suplantou a necessidade; compra, consome não efetivamente porque precisa, mas porque está sendo arrastado pela vontade não ordenada e pelo sentido do “ter”. “As novas gerações são as mais afetadas por essa cultura do consumo em suas aspirações pessoais profundas.”²⁵

Pode-se conceber o consumismo como uma expressão social resultante da reciclagem de vontades, desejos, anseios e construções humanas. É de fato um

²³ JUNGES, J. R. *Evento Cristo*, op. cit., p. 38.

²⁴ Cf. FREIRE, J. C. *O Vestígio e a Aura*. Corpo e consumismo na moral do espetáculo. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005, p. 16.

²⁵ V CELAM, *DA*, op. cit., n. 51, p. 34.

atributo da sociedade atual consumir num contínuo dinamismo de transformação. Através dos incentivos sobre o consumidor, vai-se impondo uma mudança em seu sistema de valores que atua como um estimulador de posse, introjetando em seu modo de pensar, cada vez mais o “ter” e o “prazer” em consumir como objetivo indispensável à vida. Passou a ser correlato ao consumo a ideia de felicidade; os indivíduos consomem, como se o consumo fosse o passaporte para a satisfação e para a cobiçada “verdadeira felicidade”.

A economia da subsistência perdeu o seu lugar em vista de uma economia do desejo. Da satisfação passa-se a insaciabilidade das necessidades. O desejo parece não encontrar balizas, moldando um novo sistema de valores e de vida, sobretudo, na sociedade ocidental.²⁶ O que era regido por um sistema moral da restrição e do autocontrole passou a ser orientado por uma moral da abundância material que tem levado conseqüentemente ao hedonismo materialista.²⁷ Vários cientistas sociais²⁸ destacam que a sociedade e a cultura pós-moderna consumistas “empurram” a pessoa para a condição de consumidor em decorrência da automatização do sistema de produção. Uma sociedade de consumidores, em que estes são considerados sujeitos enquanto são transformados em mercadoria. E pode-se exemplificar como “mercadorias sexuais”, “mercadorias eróticas”, um mercado desumano que encontra consumidores, que pagam altos preços.

Várias formas de vida, padrões sociais e de relacionamentos humanos são moldados a partir do influxo consumista. Hoje não faltam as atividades que se dedicam em oferecer matérias-primas necessárias que atendam as demandas dos consumidores. Como suporte a esta demanda, foi necessária a criação dos mecanismos para o descarte ou indústrias voltadas para a remoção de “lixo”, isto é, de tudo aquilo que foge à novidade e não mais atrai o consumidor. É uma indústria da novidade articulada com a indústria do descarte.²⁹ O mesmo lugar que desperta para o consumo, abre precedentes para ser o lugar onde se ignora e se exclui. Com a mesma rapidez com que se adquirem os produtos ou mercadorias se

²⁶ Cf. LIPOVETSKY, G. *A Felicidade Paradoxal*. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007, p. 35-37. O autor faz uma análise detalhada sobre a “sociedade do desejo”.

²⁷ Cf. MARDONES, J. M. *Postmodernidad y Neoconservadurismo*. Reflexiones sobre la fe y la cultura. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1991, p. 189-194.

²⁸ Entre esses cientistas sociais estão Frederic Jameson, David Harvey, Mike Featherstone, Laslie Sklair, Zygmunt Bauman e Jean Baudrillard.

²⁹ Cf. BAUMAN, Z. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, o sociólogo desenvolve o tema da “cultura do lixo”.

desfaz dos objetos. As mercadorias consideradas defasadas podem ser trocadas, substituídas e descartadas; tudo isso como estratégia publicitária, com os lucros e resultados detalhadamente calculados, para seduzir e levar ao consumo como meio de saciedade e plenitude, o que é uma ilusão. O mais grave é que esses elementos aplicam-se à pessoa humana, especificamente à sua corporeidade, à sua sexualidade e aos seus afetos.

A mídia, com algumas campanhas “camufladas”, em defesa da qualidade de vida, massifica o consumidor gerando uma falsa segurança ou uma falsa sensação de realização humana. A propaganda cria arquétipos de homens e de mulheres felizes, realizados, completos e melhores na proporção de suas aquisições. O pano de fundo da cultura do “ter” está em alimentar na consciência coletiva a falsa ideia de que sem posses, bens ou poder, não há pessoas.

Nesse universo social acrescenta-se a sede do ser famoso e a sensação de êxito social. O desejo da fama reflete o querer aparecer com destaque nas revistas e programas de TV. Há permissividade sobre os meios que facilitem maior visibilidade da pessoa tornando-a desejada por muitos, assim como as mercadorias. Importa para muitos sair da invisibilidade, de não permanecer dissolvido nas massas, mas viver o “conto de fadas” como mercadoria comentada, desejada e desejável e não mais ignorada ou desprezada.³⁰

Por trás dos incentivos por um consumo desregrado está a promessa das satisfações humanas imediatas. Mas não se deve perder de vista que essa promessa de satisfação exige a contínua sensação de insatisfação. O mercado alimenta a construção de que o “mundo dos sonhos” pode se tornar realidade. Esse dado torna a pessoa vulnerável. O consumo não pode produzir satisfação, mas tem produzido a insatisfação como mecanismo que move a pessoa para uma busca ininterrupta. A insatisfação do consumo nasce de uma inadequação entre o objeto material e a natureza do desejo emocional.³¹

Na realidade, tudo deve estar disponibilizado para a pronta utilização, sujeito à manipulação do ser humano, numa mentalidade utilitarista, quando o valor da utilidade, muitas vezes sobressai ao valor da vida. Êxito e poder são os

³⁰ Cf. idem. *Vida para Consumo*. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p. 7-22; complementar a leitura com: FERNANDES PINTO, M. J. Entre ficar e pegar: e o amor? Sobre a banalidade do amor e das relações afetivas. In: GARCÍA RUBIO, A; PORTELLA AMADO, J. (Orgs.). *Espiritualidade Cristã em Tempos de Mudança*, op. cit., p. 101-105.

³¹ Cf. FREIRE, J. C. *O Vestígio e a Aura*, op. cit., cita Hannah Arendt, p. 145.

motores secretos que movimentam o consumismo. No fundo isso revela uma sociedade de simulação e falsidade, produzindo uma forma hedonista de vida.

Os discursos sobre as necessidades de consumo se baseiam numa antropologia ingênua e errônea, ao afirmar que todo homem e mulher só chegam à felicidade na medida de suas aquisições, constituindo essa mesma felicidade como referência absoluta da sociedade de consumo.

A observação revela ainda que todos os dias as pessoas compram na proporção de suas carências, especialmente as carências afetivas; o shopping tornou-se um “set terapêutico” onde se busca preencher o vazio, um lugar onde se procura reduzir o mal-estar de que se é vítima - “sofro, logo compro”.³² A pessoa distrai suas tristezas e angústias na “contemplanção” das vitrines bem iluminadas; imagina com isso afastar-se de seus sofrimentos assinando cheques ou gastando os limites de crédito. É uma verdadeira subversão axiológica.

As relações humanas passam a girar em torno das relações de consumo. E um exemplo clássico sobre essa realidade são os serviços de internet ou Website, utilizados como forma segura e controlada de relacionar-se, de fazer “sexo seguro”, protegendo a pessoa dos possíveis riscos e frustrações dos encontros face a face, preservando-a dos compromissos e de outras situações. Embora seja um artifício solitário, o computador reflete o medo iminente que as pessoas têm da solidão. Acessar a web para eleger parceiros segue a mesma prerrogativa das compras pela internet, mantendo a anomia e evitando as exposições que ameaçam as deficiências nas relações humano-sociais. Os vínculos realizados durante o consumo não sobrevivem ao ato de consumir, mas apenas durante o movimento de compra. São encontros frágeis, fugazes, é uma espécie de “misto de regozijo e ansiedade, desintegráveis sem qualquer dificuldade e tão fáceis de romper quanto de estabelecer.”³³

O consumismo como um vício novo, produz na pessoa uma mentalidade nihilista levando-a a acreditar que, somente adotando o princípio do consumo e da destruição dos objetos, é que se pode garantir a própria identidade, manter o status social, o exercício da liberdade e o bem-estar.³⁴

³² LIPOVETSKY, G. *Felicidade Paradoxal*, op. cit., p. 60.

³³ BAUMAN, Z. *Vida para Consumo*, op. cit., p. 136.

³⁴ Cf. GALIMBERTI, U. *Os vícios capitais e os novos vícios*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 71-79. “O círculo produção-consumo são dois aspectos do mesmo processo, no sentido de que somente são produzidos produtos para satisfazer necessidades, mas são produzidas também necessidades

Enfim, o consumismo abarca o ser humano inteiro influenciando-o na prática de seus valores, desejos, projetos, hábitos e necessidades. Isto obviamente numa escala diferenciada em cada pessoa, a partir da realidade social e de sua consciência, entre outros fatores.

O próximo subitem apresenta o neonarcisismo. Da mesma forma que as características anteriores, faz-se necessário aprofundar o tema do neonarcisismo em função do grande espaço e aderência que o mesmo encontra na vida das pessoas modificando a auto-imagem e interferindo significativamente nas relações humanas e mais severamente nos relacionamentos afetivo-sexuais.

1.1.3. O neonarcisismo

A cultura pós-moderna dá considerável ênfase aos estilos e às aparências, apoiando-se no declínio das grandes metanarrativas, como a política, a ciência, a arte e a religião. Vem substituindo a cultura popular pelos modelos prontos e importados. Utiliza-se do mimetismo e da reciclagem de ideias, para erigir novos ícones da cultura popular de massa.

O consumo das imagens vem sendo valorizado cada vez mais pelo culto da aparência. Hoje, vale mais a aparência, a imagem, o reflexo no espelho do que propriamente a originalidade, que foi bastante incentivada na modernidade. Por isso, é cabível a relação entre a maneira de ser do homem e da mulher contemporâneos e as transformações das estruturas psicológicas e sociais da atual sociedade com o Mito de Narciso.³⁵

O homem da atualidade, individualista e inconsequente consumista, sobrecarregado pela valorização do culto à beleza, penetrado pelo medo de todo tipo de violência, pode ser compreendido pelas analogias míticas com seus desdobramentos e complexidades. O mito de Narciso é uma escolha pertinente quando se aborda a sociedade contemporânea; com ele se analisa o ser humano

para garantir a continuidade da produção dos produtos (...) Isso é promovido pela *publicidade*, que tem a função de cotejar a nossa necessidade de mercadorias com a necessidade das mercadorias a serem consumidas.” (p. 72). A campanha do Ministério da Saúde sobre os “preservativos” masculinos serve como exemplo pertinente ao tema deste trabalho.

³⁵ Cf. BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega*. V. I. 13. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 35-36.183. O autor explica o Mito de Narciso – narrado por Ovídio, poeta latino (séc. I aC – séc. I dC) – na obra *Metamorfoses*.

que cultua a aparência e mostra-se apaixonado apenas pelo reducionismo imposto pelas artificialidades na beleza.

O narcisismo³⁶, no homem e na mulher da contemporaneidade, está diretamente articulado com o individualismo e o consumismo em sua dimensão hedonista. Como exemplo a busca crescente de lazer na sociedade. As famílias procuram diversificar as alternativas de lazer e de expressões de cultura colocando-os efetivamente no seu orçamento mensal. A busca de lazer em si é um dado positivo e necessário, mas não deveria chegar aos exageros decorrentes de uma sociedade de hiperconsumo, onde se distingue a compra prática da compra hedônica ou da compra-festa.³⁷

G. Lipovetsky, concordando com alguns sociólogos americanos, defende o narcisismo de maneira mais otimista como sendo a consequência e a manifestação “miniaturizada do processo de personificação”,³⁸ isto é, como uma passagem do individualismo limitado para um individualismo total. G. Lipovetsky afirma que o neonarcisismo, não deve ser considerado apenas como uma expressão da auto-absorção hedonista, da auto-reflexão da imagem, mas deve ser entendido como uma manifestação das necessidades de grupos de pessoas “idênticas”, não estando apenas na esfera da independência soberana associada, mas nas ligações e conexões com os coletivos de interesses, hiper-especializados, como os grupos de pais, de alcoólicos etc. G. Lipovetsky acrescenta que:

Narciso deve ser re-situado na ordem dos circuitos e das redes integradas: solidariedade de microgrupo, redes situacionais (...) O aspecto mais notável do fenômeno (...) é o desejo das pessoas de se encontrarem com outras parecidas, com seres que partilham as mesmas preocupações imediatas e circunscritas.³⁹

³⁶ Cf. QUINODOZ, JEAN-MICHEL. *Ler Freud*. Guia de leitura da obra de S. Freud. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 145. Quinodoz afirma que o termo “narcisismo” aparece pela primeira vez em 1887 com o psicólogo Alfred Binet.

³⁷ Cf. LIPOVETSKY, G. *Felicidade Paradoxal*, op. cit., p. 60-66, nas páginas indicadas o autor distingue a compra hedônica da compra-festa.

³⁸ Idem, *A Era do Vazio*. Lisboa: Antropos, 1983, p. 13.

³⁹ Ibid., p. 15. Para maior aprofundamento do mito de Narciso e sua compreensão na perspectiva de S. Freud cf. MARCUSE, H. *Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*, 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 176-177; cf. BETTELHEIM, B. *Freud e a Alma Humana*. São Paulo: Editora Cultrix, 1982, p. 119-120, “provavelmente, entre as piores distorções dos pensamentos de Freud está a interpretação do narcisismo como positivo e normal, a consequência apropriada de um egoísmo natural. Freud recorreu ao Mito de Narciso para ajudar-nos a compreender que o egocentrismo é indesejável. Segundo a teoria psicanalítica, amplamente apoiada em dados práticos, a pessoa que ama a si própria excessivamente acaba sofrendo de inanição emocional. O que o mito representa simbolicamente como Narciso afogando-se em sua própria imagem é, na realidade, a morte emocional da pessoa narcisista”.

O narcisismo pós-moderno é coletivo. Os indivíduos reúnem-se em suas semelhanças e dividem suas histórias e experiências existenciais. Esses grupos humanos também chamados de “narcisismo de grupo das tribos pós-modernas”,⁴⁰ são capazes de estratificar um elo social, a partir de uma realidade primitiva, já conhecida pelo grupo, onde “os afetos, as emoções e os instintos têm seu lugar.”⁴¹ Hoje de fato as identificações tribais estão em evidência. Essa forma de ser, defendida por G. Lipovetsky e M. Maffesoli, não afasta a afirmação inicial de que estes indivíduos continuam cada vez mais atentos a si mesmos, individualistas, “fracos”, isto é, lábeis e muitas vezes destituídos de convicção.

Outra face do narcisismo preocupante é a tendência da dissolução do sentido de alteridade, em que o “outro” passa a ser o “eu mesmo”. O fenômeno mostra que na medida em que cresce o narcisismo, decresce a alteridade. Como base no comportamento ou no estado narcísico está a inclinação para a corpolatria. Jurandir Freire afirma que o culto ao corpo pode trazer sérios prejuízos para o ser humano:

São centenas de milhares de indivíduos correndo às tontas atrás de uma miragem corporal idolatrada a expensas de tudo mais, e, o que é pior, fabricada para ser desmontada em pouco tempo. No caso de indivíduos psicologicamente mais frágeis, a sequência dos maus tratos auto-impostos resulta, muitas vezes, em graves distúrbios da imagem corporal. O fisiculturismo compulsivo, as bulimias, as anorexias, as compulsões por próteses ou cirurgias estéticas repetidas e arriscadas são sequelas da tentativa malograda de tomar posse do corpo-espetáculo.⁴²

As pessoas vêem o mundo com as lentes do espetáculo e da fantasia, como verdadeiros imitadores midiáticos, tomando o lugar das estrelas, dos ídolos, dos famosos, enfim daqueles que “aparecem”. Entre o “ser” e “ter” surge o “parecer”. Um narcisismo oriundo de uma fachada ilusória que não consegue ir longe, uma falseada felicidade das sensações. Com isso testemunha-se um conjunto de comportamentos desestruturados, de consumos patológicos e compulsivos. A tendência ao desregramento individual acompanha a cultura de livre disposição dos indivíduos entregues à vertigem de si próprios. O que se representa na cena

⁴⁰ MAFFESOLI, M. *O ritmo da vida*. Variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2007, p. 71.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² FREIRE, J. C. *O Vestígio e a Aura*, op. cit., p. 231.

contemporânea do consumo é tanto um Narciso libertado quanto um Narciso acorrentado.⁴³

Num conjunto, articulados e inseparáveis, o individualismo, o consumismo e o narcisismo, despertam uma preocupação real apontando para uma necessidade urgente de se motivar um trabalho de resgate no processo de humanização da pessoa.

O próximo item apresenta as interferências desses aspectos apresentadas sobre o contexto familiar a partir da conjunção dos elementos que caracterizam o homem e a mulher contemporâneos.

1.2.

A sociedade e as novas configurações familiares

Na família também, como em outros espaços sociais, as características peculiares da pós-modernidade expostas anteriormente, isto é, o individualismo, o consumismo e o neonarcisismo aparecem juntamente com um mosaico de novas configurações ou expressões familiares. Algumas escolas sociológicas atuais, ao discutirem sobre os novos conceitos de família e de relações estáveis, demonstram que os modelos conjugais que se apresentam não são mais aplicados ao que se entendia na sociedade brasileira em décadas passadas.⁴⁴ Emerge novas relações entre os sexos, com versões inéditas de conjugalidade, especialmente verificado nos indivíduos das camadas médias urbanas, que foram os primeiros a buscar alternativas fora do contexto de institucionalização matrimonial.

M. Goldenberg refere-se a dois fenômenos recentes: o primeiro diz respeito à intensificação do erotismo na experiência dos casais, uma vez que o vínculo sexual torna-se instável provocando ruptura das relações entre o homem e a mulher. Outro fenômeno está relacionado ao fato de que as mulheres estão mais independentes economicamente, e por isso podem romper com os

⁴³ Cf. LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio*, op. cit., p. 127.

⁴⁴ GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal*. Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005, p. 79, cita Lévi-Strauss sobre o conceito de família - “entende-se por família uma união mais ou menos duradoura, socialmente aprovada, entre um homem, uma mulher e seus filhos, fenômeno que estaria presente em todo e qualquer tipo de sociedade. Como modelo ideal, a palavra família designa um grupo social possuidor de pelo menos três características: tem sua origem no casamento; é constituído pelo marido, esposa e filhos; os membros da família estão unidos entre si por laços legais, direitos e obrigações econômicas, religiosas ou de outra espécie, um entrelaçamento definido de direitos e proibições sexuais, divisão sexual do trabalho e uma quantidade diversificada de sentimentos psicológicos (amor, afeto, respeito, medo)”.

relacionamentos que julgam indesejáveis com mais tranquilidade e com autonomia.⁴⁵

Diante dessa situação instala-se o problema das crises em torno da família e do casamento na sociedade brasileira atual. Para alguns cientistas sociais, a crise está associada à multiplicidade e flexibilidade dos atuais arranjos conjugais. Essa crise está presente numa parcela da sociedade, talvez na mais tradicional em sua estruturação familiar.

Apesar das dificuldades relacionadas à instituição familiar, as pessoas continuam se casando na sociedade brasileira e constituindo família, isto é, os modelos tradicionais perduram, mas acompanhados de uma “boa dose” de conflitos, insegurança e desconforto.⁴⁶

Percebe-se essa diversidade de configurações e experiências e não se deve negá-las ou ignorá-las. Um novo quadro de modelos de família está se desenhando. Há um dinamismo pertencente aos vários contextos político, econômico e cultural, que interferem diretamente nas relações sociais e no perfil das famílias ocidentais. As novidades se apresentam contrariando os ícones da tradição, percebendo-se pontos de inadequação nas expressões atuais de caracterização familiar. Na verdade, há uma contínua tensão entre a tradição e a modernidade no interior do contexto familiar que já se mostra diverso e heterogêneo. A família patriarcal de modelo arcaico é contestada. O mecanismo de transformação do trabalho feminino e do processo de conscientização da mulher são considerados elementos inseparáveis desta mutação social.

A mão-de-obra feminina remunerada, por exemplo, entrou maciçamente no mercado de trabalho, graças às lutas da mulher e ao movimento feminista multifacetado, a partir do final da década de 1960, ameaçando com isso a hegemonia masculina enquanto provedor e detentor do poder sobre a instituição familiar. As gerações que se formaram posterior a esta década nasceram sob a herança da liberação sexual e não mais firmadas sob um cristianismo sociológico, passado de família a família da mesma forma que o sobrenome, a cor da pele e o nível social.⁴⁷

⁴⁵ Cf. *ibid.*, p. 79-81.

⁴⁶ Cf. *ibidem*.

⁴⁷ Cf. BINGEMER, M. C. *A Argila e o Espírito*. Ensaios sobre ética, mística e poética. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 64.

Esses fatores, apesar de produzirem certa “libertação” da mulher das “garras” dominadoras do machismo, acrescenta-lhe encargos nunca antes experimentados, tais como as empreitadas diárias de trabalho remunerado, o gerenciamento do lar e da família, a responsabilidade no cuidado e criação dos filhos, além de toda “atenção noturna” que devem dispensar aos maridos. Porém, a sobrecarga imposta veio acompanhada de outros elementos que contribuíram para a emancipação feminina, como a descoberta dos anticoncepcionais, a fertilização *in vitro*, a manipulação genética, permitindo que a mulher e a sociedade tivessem maior controle sobre a reprodução. Esses elementos estão sob o olhar ético da Igreja com suas respectivas ressalvas e neste momento do trabalho, não se analisará estas questões, apenas se restringirá à constatação dos fatos.

Desdobramentos conjugais foram se construindo. Espaços mais democráticos nas relações foram conquistados abrindo precedentes para uma maior valorização do sentido de igualdade entre o homem e a mulher. Os papéis dos atores sociais divididos em função das necessidades materiais, muitas vezes foram invertidos na sua prática diária. Tarefas e responsabilidades entre marido e mulher começaram a ser partilhadas. As exigências atribuídas à hegemonia masculina como único e indispensável provedor foram abandonadas, enquanto as mulheres dispensaram-se do “lugar” de donas de casa. Importa reforçar que essa “emancipação” em nome da busca de igualdade de gênero, ainda não foi capaz de livrar as mulheres dos problemas relacionados à discriminação, desigualdades salariais, abusos e violências sob várias formas com violação direta da dignidade e dos direitos humanos etc.⁴⁸

Porém, apesar das transformações, não se deve associar essas e outras mudanças da pós-modernidade a todas as famílias como sendo de validade universal reconhecida e aceita.

M. Castells sustenta que o processo unificante de toda transformação é a eliminação da família patriarcal. Afirma ele que “se o sistema familiar patriarcal desmoronar, todo o patriarcalismo, assim como tudo o mais em nossas vidas, se transformará, gradual e inexoravelmente.”⁴⁹ Apesar do descrédito em relação às famílias consideradas patriarcais, a realidade familiar e a “saúde” da instituição

⁴⁸ Cf. V CELAM, *DA*, op. cit., n. 48-49, p. 33-34.

⁴⁹ CASTELLS, M. *A Era da Informação: O Poder da Identidade*. V. 2, op. cit., p. 171.

matrimonial ainda são indicadores para uma avaliação do estado geral de uma sociedade.

As mudanças do perfil familiar sobressaem basicamente em dois aspectos: os da institucionalização familiar propriamente dita e os relacionados à identidade pessoal de cada membro que compõe o grupo familiar. Para A. Scola, as mudanças iniciaram na Europa, em função de um abrupto processo de descristianização. Afirma ainda que não se deve ignorar que tais transformações foram produzidas em parte pela incapacidade do sujeito eclesial, em transmitir as razões da fé ao homem hodierno. A comunicação falhou ao transmitir aos indivíduos do tempo presente as profundas razões da vida cristã.⁵⁰

As crises familiares revelam-se complexas e decorrentes das interferências diretas da sociedade e da cultura. Surgem conflitos “de aspectos íntimos” da vida do casal provenientes dos sinais de individualismo e profundo egoísmo, ferindo muitas vezes a liberdade um do outro. Consequentemente, o outro não é percebido e nem respeitado como outro, sendo negada a sua irrepetibilidade-singularidade, a relacionalidade e a alteridade.

Outro fator de conflito, de caráter intrínseco, pode estar na tendência de ser reduzir a relação familiar ao âmbito do intimismo, produzindo isolamento e a possibilidade perigosa de reger a família como se fosse um contrato privado administrada apenas pelo valor ou conveniência econômica. A “privatização” do contexto familiar nega o mistério de ser “casal” distorcendo a relação, fazendo-a co-existir apenas como um “eu” e um “tu” isolados e descomprometidos.

Nesse caso, o estar “junto” em comunhão deixa de fazer sentido dando lugar a um sentimentalismo reducionista incapaz de construir um ambiente de maturidade e crescimento humano. As “verdades” tornam-se individuais e são regidas pela conveniência. O outro, uma vez reduzido, pode tornar-se objeto de enfado, chantagem e descarte. A relação torna-se sufocante, com precedentes para desconfianças, infidelidades e banalizações. Dá-se um processo lamentável de subjetividade fechada, desumana, contrapondo-se assim ao verdadeiro sentido de ser “família” e da instituição matrimonial.

A dimensão sexual, em determinados grupos sociais, parece dissociar-se das fronteiras institucionais da família e do matrimônio, colocando-se como uma

⁵⁰ Cf. SCOLA, A. *O Mistério Nupcial*. São Paulo: EDUSC, 2003, p. 195-200.

necessidade pessoal indiferente à possibilidade de uma vivência comprometida pelo amor e com a procriação. Há um distanciamento entre a relação sexual e a reprodução.

Esses efeitos podem tornar os vínculos familiares mais vulneráveis e instáveis: as separações e os divórcios elevam-se nas estatísticas brasileiras; a fase da juventude prolonga-se com as experiências de relacionamentos sexuais sem que isso signifique compromisso matrimonial e jurídico; reduzem-se as estatísticas de matrimônio; crescem as famílias reconstituídas, as uniões de fato, as famílias monoparentais e as que são coordenadas apenas pelas mulheres ou pelos homens; aumentam as interrupções voluntárias da gravidez; uma maior difusão da mentalidade contraceptiva etc.

As mudanças específicas de perfil familiar não são exclusivas dos casais, e nem entre os casais – homem e mulher, mas aparecem nas relações homoafetivas, entre pais e filhos, entre irmãos além de outras variáveis de conjugações interfamiliares.

M. Castells faz um prognóstico da situação, não muito animador, e que deve ser objeto de atenção e do esforço dos cristãos especialmente os comprometidos numa comunidade eclesial. Afirma que:

Se as tendências atuais continuarem a se expandir por todo o mundo, e asseguro que continuarão, as famílias, tal como as conhecemos, tornar-se-ão uma relíquia histórica no futuro não muito distante.⁵¹

Convém recordar, que a Igreja considera a família, como “Igreja doméstica”, lugar de esperanças para o processo evangelizador e constitutivo de pessoas bem formadas e conscientes de seu papel social. Os documentos oficiais do Magistério eclesial apontam para essa valorização.⁵²

Com base na Palavra da Igreja e com a realidade que se apresenta, pode-se lançar a pergunta se, de fato, os cristãos encontram-se preparados e disponíveis, como comunidade eclesial, para lerem e acolherem os “sinais dos tempos”, desafio que interpela e desacomoda em relação à missão evangelizadora-libertadora e às novas formas de família que já estão constituídas.

⁵¹ CASTELLS, M. *A Era da Informação: O Poder da Identidade*. V. 2, op. cit., p. 191.

⁵² Cf. BINGEMER, M. C. *A Argila e o Espírito*, op. cit., p. 60.

O último item apresenta a questão desafiante da globalização, realidade pós-moderna que avança com passos largos e está interligada ao que se aborda desde o início deste primeiro capítulo.

1.3.

O contexto desafiante da “globalização”

De acordo com o que foi apresentado, atravessa-se um período histórico importante, e nesse contexto está o fenômeno da globalização ou da mundialização com sua influência direta na vida do homem e da mulher contemporâneos.

O modo de viver das pessoas está sendo reestruturado, repaginado pela globalização e pelo acesso aberto a qualquer tipo de informação. As imagens e as informações são rotineiramente apresentadas de todas as partes do mundo, colocando também o diferente e oposto diante das pessoas. É uma complexa rede de riqueza, tecnologia e poder, capaz de interagir, visando obviamente a melhoria de vida no planeta.

Por volta dos anos 80 do século XX, o “boom” da informatização acontece, explode o “místico-psíquico-religioso e instaura-se a globalização neocapitalista.”⁵³ Há uma notável aceleração histórica. Tem-se, então, a impressão de se viver no futuro; é um tempo acelerado e redescoberto: “hoje a vida anda depressa.”⁵⁴ E uma das consequências mais visíveis é a forte pressão que se impõe nas instituições e nas pessoas. Há um ritmo frenético empurrando a concorrência globalizada, sem cuidados éticos. É uma verdadeira revolução tecnológica, capaz de modificar todos os domínios da atividade humana, possibilitando conexões infinitas entre os agentes e as atividades afins, favorecendo o crescimento da economia, aumentando a produtividade e a exigência por eficiência.⁵⁵

A globalização pode ser entendida como sendo “a presença do mundo inteiro em nossas vidas. É a unificação da história humana,”⁵⁶ na qual muitos

⁵³ Cf. SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003, p. 35-37.

⁵⁴ ARDUINI, J. *Antropologia*. Ousar para reinventar a humanidade. São Paulo: Paulus, 2002, p.13.

⁵⁵ Cf. CASTELLS, M. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Sociedade em Rede. V. I. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 87-88.

⁵⁶ VIDAL, M. *Moral Cristã*. Em tempos de relativismos e fundamentalismos. Aparecida: Editora Santuário, 2007, p. 18.

fatores estão envolvidos, como uma espécie de co-presença e co-atuação de todos os seres humanos. É um processo inerente à contemporaneidade, fazendo com que a “intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.”⁵⁷

Para França Miranda esse fenômeno “novo” na história da humanidade tem sido “chamado por alguns de ‘civilização planetária’, por atingir todos os seres humanos, todas as culturas, todas as sociedades, ainda que desigualmente.”⁵⁸ Na realidade a mudança vem acontecendo no quadro interpretativo, isto é, na forma de se ver e entender o mundo; é uma nova visão e reorientação que movimenta o pensar e o agir das pessoas.

Mo Sung caracteriza a globalização através de alguns mecanismos que estão acontecendo de maneira muito intensa, a saber: de uma virada econômica que estava centralizada e sustentada pelo Estado para uma economia de mercado, mesmo com os riscos pertinentes às mudanças; os avanços tecnológicos acompanhados pelo processo de mundialização da cultura; uma era de produção dominada pelas indústrias baseadas no potencial intelectual do ser humano; a questão demográfica, aliando-se a concentração brutal de riqueza nas mãos de poucos em detrimento de uma maioria de empobrecidos; uma acelerada migração e o desemprego estrutural; o problema da questão ecológica, produzindo debates de ordem macroeconômica e biopolítica.⁵⁹

É fato que a globalização traz benefícios, e deveria ser a sua exclusiva intenção, porém, as pessoas estão sendo afetadas, num mundo em contínuo movimento e em desordem, pelos seus efeitos também negativos. Todos são impelidos a uma ordem global ainda não plenamente compreendida, mas amplamente sentida. Ao mesmo tempo em que a comunicação se expande, muitas sociedades são privadas de seus direitos e privilégios. As populações em diversas culturas “se ressentem da perda de controle sobre suas próprias vidas, seu meio, seus empregos, suas economias, seus governos, seus países e, em última análise, sobre o destino do planeta.”⁶⁰

⁵⁷ GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1991, p. 69.

⁵⁸ FRANÇA MIRANDA, M. *Igreja e Sociedade*, op. cit., p. 26.

⁵⁹ Cf. MO SUNG, J. *Desejo, Mercado e Religião*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 106-109.

⁶⁰ CASTELLS, M. *A Era da Informação: Sociedade em Rede*, V. I. op. cit., p. 93-94.

Paradoxalmente a exclusão se instala ainda mais na medida do desenvolvimento tecnológico. M. Castells afirma que:

Parece haver uma lógica de excluir os agentes da exclusão, de redefinição dos critérios de valor e significado em um mundo em que há pouco espaço para os não-iniciados em computadores, para os grupos que consomem menos e para os territórios não atualizados com a comunicação. Quando a Rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global: o processo de desconexão torna-se recíproco após a recusa, pelos excluídos, da lógica unilateral de dominação estrutural e exclusão social.⁶¹

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento beneficia milhares de pessoas, acarreta um avassalador processo de exclusão de milhares de outras pessoas, sociedades, regiões, desconectando-as do mundo. Não se trata de uma pequena parcela da sociedade mas “a maioria da população mundial” ferida e posta à margem numa injusta exclusão.⁶²

O povo é testemunha e vítima ao mesmo tempo, das consequências das mudanças ocorridas nos últimos anos do século XX e nos primeiros do século XXI. Uma dupla tirania emerge: a do dinheiro e a da informação. Surge uma nova economia de abrangência global. Ambas fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais particulares da época atual configurando um novo ethos nas relações humanas, pessoais e sociais. Uma cultura consumista e da morte parece tomar os diversos setores e lugares sociais.⁶³

A globalização é também responsável pelo ressurgimento de identidades culturais locais em várias partes do mundo, e seria um equívoco acreditar que a mesma afeta unicamente os grandes sistemas, como por exemplo, a ordem financeira mundial. É um fenômeno que se dá internamente, refletindo nos aspectos mais íntimos e pessoais do cotidiano das pessoas.⁶⁴ Milton Santos aponta para essa realidade afirmando que:

Nesse mundo globalizado, a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado das coisas. A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós.⁶⁵

⁶¹ Ibid, p. 41.

⁶² Cf. GARCÍA RUBIO, A. *Unidade na Pluralidade*, op. cit., p 49.

⁶³ Cf. SANTOS, M. *Por uma outra globalização*, op. cit., p. 35-37.

⁶⁴ Cf. GIDDENS, A. *Mundo em Descontrole*, 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003, p. 13-22.

⁶⁵ SANTOS, M. *Por uma outra globalização*, op. cit., p. 46.

O Estado, a religião e a família foram privatizados e a sociedade de mercado se impôs. Tudo parece estar sendo regido pela ideia do efêmero e pela sensação de profunda insegurança que invade o espírito humano. O terrorismo, as catástrofes, todos os tipos de violência, as epidemias, as ameaças contínuas de guerra planetária, preenchem as primeiras páginas dos jornais lembrando que todos os seres humanos, onde quer que estejam geograficamente, fazem parte de um destino comum.⁶⁶ Por trás dessa teia globalizada, complexa e frágil, nesta nova modalidade de sociedade, vislumbra-se um ser humano, como já acenado, com uma visão muito preocupante e desafiante para a antropologia cristã.⁶⁷ Tudo parece ser “tocado” por este fenômeno global: as vidas pessoais, a sexualidade, os afetos, os relacionamentos interpessoais, o casamento e a família. “Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido.”⁶⁸

Diante deste quadro desafiador, J. Arduini entende que a globalização deveria colocar-se como um instrumento facilitador da comunicação e da alteridade a serviço da dignidade humana, mostrando que esta é verdadeira enquanto capaz de valorizar a vida e defendê-la em primeiro lugar, proporcionando a liberdade, a nacionalidade, a autonomia, as aspirações, os direitos fundamentais e a dignidade de todos os povos. A verdadeira e esperada globalização deveria humanizar, universalizar e fomentar o crescimento e a unidade entre os povos. A submissão a um sistema desumanizante e depreciativo não deveria mais encontrar espaço nesta nova sociedade ainda não consolidada. O grande compromisso deveria voltar-se para uma globalização que fosse capaz de beneficiar a humanidade em seu todo.

⁶⁶ Cf. FRANÇA MIRANDA, M. *Igreja e Sociedade*, op. cit., p. 27.

⁶⁷ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *Unidade na Pluralidade*, op. cit., p. 49-50.

⁶⁸ SANTOS, M. *Por uma outra globalização*, op. cit., p. 17. Grifo nosso.

Conclusão

Este primeiro capítulo, apresentou brevemente, o ser humano influenciado e remodelado pelos efeitos da sociedade contemporânea.

A sociedade pós-moderna, ainda em construção, interfere continuamente sobre a pessoa a partir de suas transformações particularmente as socioculturais. Constata-se a existência de um homem e de uma mulher feridos pelos dilaceramentos e desencaixes, parecendo ter “perdido o chão” em sua autonomia, acostumando-se com a ausência de garantias e certezas em seu cotidiano. A realidade da pessoa, fruto da cultura contemporânea, com suas variadas desconstruções, tem seu vértice nas diversas faces da exclusão. Os indicadores de repetidas desumanizações causam a impressão de se estar diante de uma humanidade sem rosto. De um lado, uma humanidade machucada e fragmentada pelos efeitos negativos do tempo. Por outro lado uma humanidade que se mostra capaz de transcender de maneira positiva e construtiva a crise instaurada.

O capítulo priorizou alguns elementos da pós-modernidade, como o individualismo, o consumismo e o neonarcisismo com suas vertentes e efeitos sobre o homem e a mulher, modificando seu pensamento e seu agir, inclusive deformando a experiência de seus afetos e a compreensão da sexualidade.

Nessa moldura sociocultural encontram-se novas configurações familiares que podem tornar as alianças firmadas mais vulneráveis e instáveis. As famílias apresentam-se com formatos diversos e bastantes fragilizadas pela cultura contemporânea, reproduzindo situações de angústia e conflitos.

O fenômeno da globalização, com consequências positivas e negativas, que deveria corroborar como mecanismo humanizador em favor da dignidade humana e conseqüentemente dos aspectos afetivo-sexuais da pessoa, tem produzido muito mais estruturas de opressão, alienação e exclusão social.

Para o objetivo dessa pesquisa, que está voltado para a humanização da vivência da dimensão afetivo-sexual da pessoa, estas questões de ordem sociológica são fundamentais e relevantes.

O ser humano, gravemente afetado por um conjunto de fatores que revelam uma visão “coisificada” e possessiva do mundo e do outro, enxerga a realidade a partir dos próprios interesses. O outro nem sempre é reconhecido como outro, mas como “objeto” manipulável. O valor pessoal é apreendido equivocadamente, como algo proporcional à capacidade de oferecer prazer e satisfação (sexo,

riquezas, beleza, influência, cargos...). O homem e a mulher tornados “mercadoria” ficam suscetíveis ao descarte, contrariando a essência da dignidade humana e da alteridade.

Não se trata de finalizar este capítulo com um tom pessimista, mas é essencial perceber a realidade contemporânea, de maneira crítica e com uma sólida esperança cristã e no ser humano, para que se reforce a continuidade e a relevância desta pesquisa que apresenta como proposta objetiva uma “educação da sexualidade humana” no amor e para o amor.

No segundo capítulo, a explicitação das interferências da cultura contemporânea sobre a pessoa humana no seu modo de compreender e viver a dimensão afetivo-sexual serão mais amplamente apresentadas.